

NOGUEIRA DA SILVA E ALBERTO

Vista pitoresca da igreja de Nossa Senhora do Monte.

Raras são as cidades que apresentam panoramas tão variados e pitorescos, como a nossa formosíssima Lisboa.

Vista do Tejo, lembra Nápoles, não para decidir qual destas duas elegantes rainhas das cidades do mundo é a mais bella; mas para confundir o estrangeiro no seu orgulho, e maravilhar-lhe o espirito extasiado.

Vista das suas eminencias, esquece-se tudo, porque o viajante é a cada passo surpreendido por uma variante de horizontes, que, em mais caprichosa curva, se lhe desenrolam, matizados, aqui e acolá, de verdura e de flores.

O panorama que se nos apresenta, collocado na alameda do passeio de S. Pedro d'Alcantara, é um admiravel conjuncto de tudo quanto os homens e a natureza constroem.

Descobrem-se dahi os bairros onde viveram os nossos primeiros avós; castellos onde os fundadores da nossa monarchia obraram prodigios de valor inimitavel; templos soberbos de antiguidade desconhecida; ruinas elegantes; igrejas modestas, onde o povo, em festas periodicas, folga, canta e ri, nos vistosos arraiaes, levantados pela honra dos seus santos predilectos; a parte mais tranquillada desse bello rio de prata, sem rival, que se chama Tejo; montanhas longinquas, envoltas no seu gaze anillado; e tudo coroadado por um céu de puro e transparente azul, quasi sempre imperturbavel.

Não é facil ao artista escolher, em taes circumstancias, uma parte deste admiravel scenario; mas,

quando a isso se veja obrigado, só tem um recurso, que é lançar mão da sorte.

A que ora coube ao *Panorama*, foi a pitoresca secção onde campeia a popular igreja de *Nossa Senhora do Monte*; e essa é a que apresenta hoje aos seus leitores.

NOGUEIRA DA SILVA.

AS CORTES PORTUGUEZAS ANTIGAS

Rapida noticia da sua natureza e constituição; e apontamentos de alguns pedidos dos povos

(Vid. pag. 18)

II

No artigo I tivemos occasião de observar, que ninguem ousára contestar até o meiado do seculo XVIII os principios exarados na famosa obra do doutor Francisco Velasco de Gouvêa — *Justa aclamação do serenissimo rei de Portugal D. João o IV.* — Só em 1767 houve conveniencia de considerar esses principios como sendo *atrozmente sacrilegos*, e, o que é mais, de declarar apócrifio o livro.

Parece-me indispensavel mencionar o estranho facto de uma tal declaração; e será elle mais uma demonstração do quanto as paixões e conveniencias politicas são, por vezes, capazes de desfigurar, e, até, de calcar aos pés a verdade e a justiça.

Aquelle notavel e patriotico livro foi impresso em 1644, tendo no rosto o nome do doutor Velasco, e uma dedicatória a El-Rei D. João IV, também assignada pelo mesmo doutor. Correu o

livro sem a menor contestação, como sendo obra do indicado auctor, desde o anno de 1644 até o de 1767, isto é, por espaço de mais de um seculo; e só então lembrou decretar que não era, nem podia ser escripto pelo doutor Velasco!

A explicação é facil. Havia, em 1767, todo o empenho em tornar duvidosos os principios politicos, que o doutor Velasco estabelecera — em harmonia com o Assento das Côrtes de 1644; porque entrava nos designios de um ministro, aliás grande e de immortal memoria, firmar o poder absoluto do Rei, e arredar todos os estorvos que o exercicio desse poder houvesse de encontrar da parte dos povos, — e não menos lançar os mencionados principios politicos (acoimados de *atrozmente sacrilegos*) á conta das maquinações dos jesuitas!

Quereis saber o que se fez? Reunio-se em Lisboa uma junta de alguns lentes da Universidade, e desembargadores (ao todo seis vogaes), encarregada de examinar o livro de Velasco, confrontado com outros escriptos do mesmo doutor — quando lente na Universidade... Os seis *ministros da maior litteratura* declararam apócrifho o livro, não obstante haver *cento e vinte e tres annos* que ninguem contestára a legitimidade do auctor!

Não registrarei aqui senão o final do julgamento da junta:

— «Por cujas combinações, e circumspecto juizo, que dellas resultou, attestão elles Ministros debaixo da fé dos seus grãos de Lentes da Universidade de Coimbra, e de Senadores da Casa da Supplicação, *que o referido livro intitulado «Justa Acclamação» he notoriamente incompativel com todos, e cada hum dos Tratados do Doutor Francisco Velasco de Gouvêa acima referidos: e que he igualmente incompativel, que o mesmo identico author destes juridicos tratados computasse aquelle informe, absurdo, e ignorante livro.»*

Depois desta especie de sentença, ou assento, mandou o ministro recolher e inutilisar os exemplares que pôde haver á mão; mas escaparam muitos... e um desses, por bom signal, tenho eu agora diante de mim.

Inqualificavel desacordo! caracterisar de *informe, absurdo, e ignorante* um livro que se recomenda pelo methodo e boa disposição das materias, — pela claresa da exposição, — pela força da dialectica, — pela erudição e pela sciencia jurídica, — não menos que pelo nobre sentimento de patriotismo que animava o auctor!...

Miseravel cegueira das paixões politicas! Ousar combater um testemunho incontestavel, e cerrar os olhos á evidencia da verdade, para roubar a um escriptor o fructo do seu trabalho, e riscar-lhe o nome do frontispicio de um livro!...

Mas a posteridade é justa! Hoje ninguem põe em duvida que fosse o doutor Velasco o auctor da «Justa Acclamação»; e ainda mais, os principios que esse homem estimavel estabeleceu no seu livro regulam o direito publico de todos os povos civilizados.

— Havemos de apertar ainda mais o ponto, para tornar ainda mais evidente que havia nas apreciações da ultima metade do seculo XVIII um esquecimento deploravel do testemunho da historia.

Na Sessão Real de 20 de junho de 1535, das Côrtes celebradas em Evora por El-Rei D. João III, comparou Francisco de Mello, na oração de abertura, o corpo do Estado com o corpo humano; e considerando o soberano como cabeça da Republica, dizia diante do proprio Rei: — «Verá quanta obrigação a cabeça de todo este corpo místico, que he o principe, tem de ser, assi como he em poder e estado mais alto, assi em prudencia, virtudes, e saber mais excellent e esperto. Elle só deve (como Epamimondas dizia) vigiar por que todos possam sem sobresalto dormir; e assi como em a cabeça a natureza pôs os mais principaes sentidos, assi parece que o principe e Rey deve mais que todos sentir as necessidades de seus subditos, e como o vento oeste atrahê pera si as nuves; assi o bom e verdadeiro principe pera descanso de seus povos, deve sobre seus hombros tomar todos os cargos e trabalhos dos seus pera que nelle como em porto seguro ancorem os perigos e tormentos de seus vassallos.» —

A ultima imagem não era muito natural, porque não sôa bem o desejar-se que *os perigos e tormentos ancorem em porto seguro*; mas o pensamento de toda a passagem é philosophico e verdadeiramente livre.

O que succedeu nestas Côrtes prova bem que os antigos representantes dos povos não eram instrumentos passivos da vontade do soberano, — e que antes sabiam oppôr-se a ella, quando a viam estar em desharmonia com os interesses da nação. Maiormente em materia de tributos, tinham a coragem e deliberação necessarias para não concederem todos os subsidios que o Rei pedia:

— «Ao terceiro dia 22 de Junho depois do dia das Côrtes mandou S. A. ajuntar os procuradores do reyno todos no lugar onde antes se fizera a consulta, e juntos, foi o Conde da Castanheira D. Antonio de Ataide propôr ao reyno da parte de S. A. suas necessidades, pedindo-lhe quisessem ajudar e fazer serviço: o qual Conde foi despedido; e forão os procuradores ao dia seguinte, dia de S. João, postos em vozes; e sahiu por mais duas vozes votado que S. A. se servisse pelo reyno com corenta contos, do qual serviço S. A. se mostrou descontente; e não aceitando, o reyno se tornou a ajuntar, e tornou a votar, e outra vez sahiu que pelas necessidades e pobreza delle não podia servir S. A. com mais que os ditos corenta contos, e S. A. os aceitou aos definidores que juntos foram presentes diante de S. A. que por sua pessoa lhe aceitou o dito serviço.» (1)

Nas Côrtes de 1544 disse o orador, na presen-

(1) No que respeita ás Côrtes de 1535, 1544, e 1562, tenho presente o seguinte subsidio: *Memorias sobre algumas antigas Côrtes Portuguezas, extrahidas fielmente de manuscritos antigos autenticos da Bibliotheca Real de Paris...* por Vasco Pinto de Sousa Continho. Paris, 1832.

Devo ao meu amigo, o sr. Jorge Cesar de Figanhère, o obsequio de me deixar lêr estas *Memorias*, que não pude encontrar nas Bibliothecas.

ca de El-Rei D. João III, «que só era bom Rei aquelle que conservava a paz, a justiça, e a honra de seu reino, e antepunha o bem publico a seu particular contentamento.»

E de passagem tomarei nota de um bello elogio, feito ao character dos portuguezes pelo procurador de Lisboa, — elogio, que não devemos considerar como expressão immodesta de um portuguez, senão como significativa advertencia dirigida ao soberano. Lopo Vaz, procurador de Lisboa, respondeu por parte do povo ao orador D. Sancho, e disse, referindo-se a El-Rei: — «Tambem lhe lembrarei que é senhor dos mais limpos, leaes, fieis, verdadeiros, desenganados e obedientes vassallos, que debaixo do céu em toda a redondeza do mundo se podem achar, e elle o tem muy bem experimentado, em seus muy bons, e muy verdadeiros, e desenganados serviços que sempre lhe fizerão, e fazem»

A bella expressão — *debaixo do céu em toda a redondeza do mundo* — faz lembrar a formosa amplificação da Escriptura, que o Padre Vieira traduzio com tamanha valentia: — *Virá tempo em que desde o Oriente até o Poente, em todos os lugares do mundo, e entré todas as gentes, se offerecerá, e sacrificará o meu nome, etc.* (2)

Mas aqui não me interessa tanto o ponto de vista litterario, quanto me prende a attenção o pensamento politico. O procurador de Lisboa pretendeu significar ao Soberano, do modo mais expressivo, e sem rodeios, que uma nação, tão leal e tão dedicada a seu Rei, tinha todo o direito a ser governada com amor, escutada em seus votos, e poupada em seus haveres.

Logo na abertura destas Côrtes foi mencionada a declaração feita nas de 1535, de que seriam celebradas de dez em dez annos. Havia uma pequena anticipação no praso, occasionada por causas urgentes que sobrevieram; mas essa mesma anticipação demonstrava a importancia da representação nacional naquelles tempos.

Depois de concluido o auto do juramento do principe D. João, mandou El-Rei que os procuradores se tornassem a Santarem, e ali se demorassem até receberem recado; mas desde logo declarou ao primeiro banco, que pretendia ser servido pelo reino com subsidios, attentas as muitas necessidades e dividas que tinha. — Aos dezeses de abril, reunidos os procuradores por ordem de El-Rei, foi-lhes communicado o quantitativo do subsidio que se exigia. No dia immediato resolveram os procuradores que o reino servisse El-Rei, e por maioria de votos assentaram em que o subsidio fosse de quarenta contos, e não mais, em rasão da pobreza em que estavam os povos.

O que occorreu daqui em diante é summamente curioso, porque dá idéa da lucta que surgio entre o soberano e os representantes dos povos, e dá testemunho da firmesa e independencia com que advogaram a causa da nação e zelaram os interesses desta.

Quando no dia 19 de abril foi o 1.º banco apre-

sentar a El-Rei o serviço dos quarenta contos, não só S. M. não aceitou o subsidio, senão *com palavras e gesto mostrou grande descontentamento*. — Em 5 de maio fez El-Rei reunir de novo os procuradores, e de novo foi tambem ter com elles o Conde da Castanheira para rogar-lhes que servissem o soberano com oitenta contos. — Os procuradores, movendo-se um pouco a estas rogativas, assentaram — por maioria de votos — que se acrescentassem vinte contos aos quarenta já votados, vindo assim o subsidio a ser de *sessenta contos, mas não de oitenta*, como El-Rei pedia. — No dia 6 foram apresentar a nova resolução ao soberano, — o qual deu mostras de não ficar satisfeito, e nem uma palavra sequer proferio; mas no dia nove disse-lhes que afinal aceitava o serviço de *sessenta contos*, com declaração de que desejava desempenhar-se por sua fazenda até onde podesse, e pelo mais de que fosse possivel ajudar-se, e que, a não ser isso bastante, faria o que mais fosse do seu serviço.

Mas não parou ainda aqui a intervenção firme e zelosa dos procuradores dos povos. No dia 14 de maio foi solemnemente authenticada a concessão do subsidio dos sessenta contos, — e, até, nesse auto ou assento mostrou a representação nacional a sua preponderancia. Expressamente foi exarada a clausula de que o thesoureiro que este dinheiro recebesse *não fosse official de El-Rei*, e que o serviço se faria em dois lançamentos, e em dois annos, e cobrado o primeiro, se reuniriam os procuradores, um por comarca, para tomarem conta do quantitativo a que subiria o segundo.

— É um facto muito significativo do importante papel que representavam os procuradores dos povos, o que succedeu nas Côrtes de 1562, celebradas em Lisboa pela Rainha, a Senhora D. Catharina, viuva de El-Rei D. João III, e regente do reino em nome de seu neto D. Sebastião.

Quando os procuradores foram beijar a mão á Rainha, disse-lhes esta senhora, que entregassem ao secretario de Estado as cartas e procurações que traziam. Alguns condescenderam com a insinuação da Rainha; mas outros tiveram duvida, e a levantaram na primeira reunião geral, entendendo que não deviam levar elles as cartas e procurações a casa do secretario, mas sim ser o secretario quem viesse áquello ajuntamento recebê-las; e assim o fizeram constar á Rainha.

A Rainha encarregou Pedro Fernandes de levar recado aos procuradores, de que S. M. «lhes rogava que não quizessem em nada fazer novidade, senão fazer tudo como se sempre fizera; que sempre os procuradores deram as procurações ao secretario; e que, se nas Côrtes de Almeirim elle mandou a Santarem por ellas, foi porque El-Rei que está em gloria lhes quiz aos procuradores escusar o trabalho de irem a Almeirim e passar o Tejo que então hia muito grande; que lhes rogava que as quizessem dar a elle Pedro Fernandes e que elle as entregaria ao secretario, e lhes traria certidões disso.» Pareceu bom este expedien-

(2) Sermões. Tomo V.

te aos procuradores; e por escusarem mais replicas entregaram as cartas e procurações a Pedro Fernandes, o qual trouxe depois as certidões passadas pelo secretario de Estado — de como as recebera.

— Mas... é já tempo de começarmos a fallar da constituição das Córtes: o que faremos no artigo seguinte.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

OS INDIOS DO BRAZIL

Durante longos seculos da vida da humanidade, existio um continente immenso isolado do resto do planeta, uma raça de homens ignorados pela historia, como que presentida apenas por esses prophetas do sonho, esses videntes da imaginação — os poetas, ou pelos philosophos cujos systemas involuntariamente se impregnaram no esplendor da poesia. A antiguidade pagã agitou-se toda, luctou no estreito espaço, que fica entre o golpho persico, e o oceano que banha as costas da peninsula hispanica e da Gallia. Foi ali que teve exercicio a actividade grega; foi na limitada bacia do Mediterraneo que se alastrou a torrente civilisadora; foi das fronteiras da Scythia ás fronteiras da Germania que as legiões romanas traçaram as suas longas vias militares, diametros triumphaes do circulo das suas conquistas. Foi em tão acanhados limites que se desenrolaram as paginas épicas da historia antiga, e, comtudo, que grandiosa nos parece! que proporções giganteadas assumem á nossa vista esses pequenos povos! e que olhar de profunda saudade não lançamos nós, que vemos a locomotiva com o seu pennacho de fumo e as suas azas de fogo transpôr afoita a balisa ultima das vias militares antigas, e internar-se, milhares de leguas, em terrenos desconhecidos aos velhos Quirites, o *steamer* abordar a praias, nem phantasiadas pelos Phenicios, a civilisação illuminar com a sua luz raças que Homero vio quando muito no poetico devaneio; que olhar de profunda saudade não lançamos nós para a Grecia, o ridente berço da sciencia, para a Palestina, a austera mãe da fé, sciencia e fé que foram as duas profundas raizes, por meio das quaes bebeu os succos nutritivos da natureza a grande arvore da civilisação!

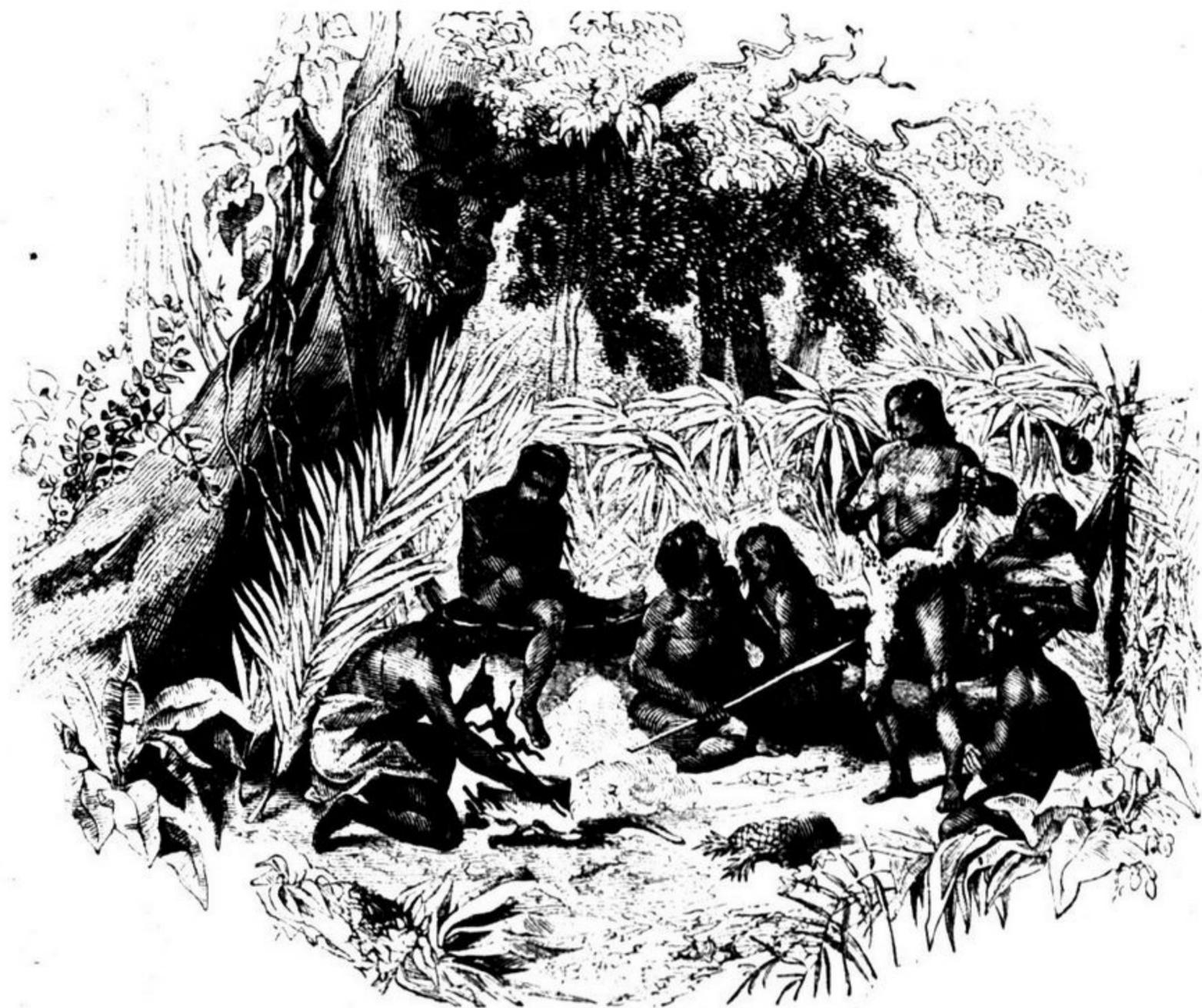
Em quanto, pois, brotavam, cresciam, desenvolviam-se e feneciam muitas vezes á luz da historia as raças europeas e asiaticas; em quanto as transformações physicas e politicas do solo que habitavam eram cuidadosamente consignadas nos annaes do globo, um outro continente, uma outra raça perfaziam tambem em silencio as suas transformações, vagueavam nas suas vastas florestas, e accendiam aqui e além um facho civilisador, que derramava em torno de si luz que em pequeno espaço se projectava. Depois quando, já no xv seculo da era christã, Christovão Colombo descendeu as portas desse novo mundo, qual não foi o espanto da Europa encontrando novas paginas na historia da humanidade, novas e mais sublimes estrophes no poema da natureza, companheiros

desconhecidos desta peregrinação planetaria atravez do infinito! Primeiro, a sciencia orgulhosa não quiz reconhecer irmãos nesses filhos das florestas! Mas a fé christã rejeitou a theoria absurda, logo a sciencia esclarecida veio confirmar as generosas asserções da religião, e hoje está-se plénamente convencido de que uma ramificação dessas grandes emigrações primitivas entrou, separando-se dos ramos principaes, pelo territorio americano, e, alastrando-se como uma torrente, inundou, dum extremo a outro, essa porção do planeta, isolada do velho mundo pelos gelos do polo e pelas solidões do oceano.

Não trataremos neste pequeno artigo, que deve ser apenas explicativo da gravura, a questão da origem da raça americana, questão debatida largamente, e ainda muito longe de resolvida, nos volumosos livros dos mais celebres ethnographos. Apenas diremos que o contacto dessas tribus com os seus irmãos da Europa foi áquella fatal. A civilisação superior da raça descobridora servio-lhe apenas para esmagar, para aniquilar os aborígenes do riquissimo solo, que offerecia os seus inexauriveis thesouros á avidéz dos aventureiros europeus! Debalde no Brasil os jesuitas, na America hespanhola Las Casas, primeiro, e tambem os jesuitas depois, na America ingleza os companheiros de Penn procuravam proteger os infelizes indigenas. A cobiça dos descobridores foi mais poderosa do que a palavra do Evangelho. Venceram os apóstolos do exterminio. E Christovão Colombo, em vez de fazer entrar no templo da civilisação, como neophytos, os filhos da terra descoberta por elle, não fez mais do que entregar ao cutelo do sacrificador, para ser immolado em holocausto infame, no altar do idolo-ouro, um vasto rebanho de rezes humanas.

Não foram os indios do Brazil mais felizes do que os habitantes do Mexico, os Peruvianos, os Caraibas das Antilhas, os Araucanos do Chili, e os Sioux, os Hurons, os Pawnies, os Delawares, os Mohicanos, ou os Natchez da America septentrional. Os nossos antepassados, como os hespanhoes, como os hollandezes, como os inglezes, não pensaram senão em exterminar, ou em reduzir á escravidão essa raça desgraçada. Primeiro, as guerras atrozes; depois as grandes mortandades em massa; depois as perseguições em *detalhe* (permittam-nos o gallicismo) reduziram a poucas familias, errantes hoje nos ermos ainda quasi explorados do interior, as tribus innumeradas, que os descobridores encontraram, que os jesuitas, muitas vezes, converteram, e que se, pobres selvagens não esclarecidos, nem pela luz da civilisação, nem pela do Evangelho, commettiam sobre os europeus, com quem estavam em guerra, atrocidades de barbaros, soffriam, comtudo, no quadruplo e no quintuplo vinganças, muito mais indesculpaveis, dos homens que se diziam civilisados!

Duas raças principaes dominavam o Brazil, quando os portuguezes o invadiram, uma das quaes parecia ter, em tempos mais ou menos remotos, vencido e compellido a outra a refugiar-se no



Os índios do Brazil

interior. Esta podemos designal-a pelo nome generico de tapuya, a outra pelo nome generico de tupi.

Não acabariamos, se quizessemos enumerar as tribus em que estas duas raças se dividiam. Diremos, apenas, que foi a dos tupinambás a que mais energicamente luctou com os portuguezes, a dos goyanazes a que mais docilmente se curvou á influencia dos jesuitas e se alliou com os invasores, alianças que não a livraram de ser exterminada tambem, mais anno, menos anno.

Quando outras nações europeas, os francezes primeiro, os hollandezes depois, quizeram disputar-nos a posse desse paiz maravilhoso, as tribus indigenas, recobradas do seu primeiro terror, procuraram conquistar a liberdade aproveitando as luctas entre os europeus. Os francezes, principalmente, encontraram decidido auxilio e fidelissima alliança em algumas tribus brazileiras. Os Tamoyos do Rio de Janeiro serviram de muito a Villegagnon, os Tupinambás do Maranhão deram que fazer, alliados com os expedicionarios de La Ravaudières aos soldados de Jeronymo d'Albuquerque. Tambem outras se poseram da nossa banda, e nos prestaram verdadeiros serviços. Os Pytigoares auxiliaram-nos fortemente na guerra contra os Hollandezes, e o chefe Poty, mais conhecido pelo nome de Camarão (que isso quer dizer em portuguez a pa-

lavra que escrevemos) foi um dos mais notaveis heroes da grande lucta que teve como actor principal João Fernandes Vieira.

Hoje os indios do Brazil estão longe do que ainda eram nos fins do seculo xvii. A descoberta das minas d'ouro, arrojando aos sertões cabildas ferozes de avidos aventureiros, o abandono completo em que a legislação colonial deixava essas pobres tribus, entregando-as, sem garantias, ao despotismo dos bandeirantes, extinguiram, ou desmoralisaram e embruteceram essa pobre raça. A civilisação, apparecendo-lhes sempre como inimiga, nunca exerceu sobre elles influencia benefica. Fugiram-lhe. Foram recuando, dia ate della, até os sertões mais remotos, onde vagueiam aquelles que são designados pelo nome de indios bravos, e que, diminutos restos duma nação formidavel, conservam religiosamente, como tradição respeitavel, a selvatica independencia dos seus maiores.

Os outros, os indios mansos, sujeitos á civilisação, mas não convertidos por ella, chafurdam nos lodações das grandes cidades, tendo todos os vicios dos povos civilizados sem terem nem as virtudes nem a illustração delles. Assim, a civilisação europea, de mãos dadas com a doutrina evangelica, em vez de desenvolverem e de esclarecerem a raça virgem sobre que actuaram, exterminaram-na ou embruteceram-na. Crime nefando que a his-

toria lança em rosto ás gerações, a quem Deus confiara uma grandiosa missão, e que não a souberam nem quizeram desempenhar.

Os costumes antigos dos indios do Brazil devem ser conhecidos pelos nossos leitores. É bastante popular entre nós o *Brazil pittoresco* de F. Denis onde elles vem escrupulosamente descriptos, e a republicação, feita pelo sr. Fernandes Lopes, da *Chronica da Companhia* de Simão de Vasconcellos habilita-os ainda mais a colherem as mais completas informações sobre o assumpto. A antropophagia era, como sabem, um dos usos nefandos dessas tribus, uso que os jesuitas nunca poderam inteiramente desarraigal. A sua côr é vermelha acobreada, a testa chata, os olhos obliquos, as maçãs do rosto proeminentes. Pintam o corpo e enfeitam-se com as pennas brilhantes dos passaros que povoam as florestas.

Daqui a poucos annos essa raça, cuja extincção foi tão fatal á humanidade, terá desaparecido completamente da face do novo mundo.

M. PINHEIRO CHAGAS.

A GALATÉA MODERNA

(Vid. vol. 1.º pag. 390)

XIV

Ainda o serão

Tinham decorrido oito dias depois da scena, que atraz fica narrada.

Nada soffrera alteração sensivel para o observador imparcial.

Era a mesma vida; agitavam-se os mesmos personagens com as mesmas paixões.

Mas no fundo, que mudança!

Violante fria, marmorea, com a zombaria mordaz gravada no rosto, outras vezes delirante de alegria feroz, estava mostrando a Alfredo que era ali de mais. Este, porém, não menos frio, horriavelmente pallido, como quem recalça no cerebro uma idéa constante e implacavel, respondia á gargalhada com gargalhada, á zombaria com zombaria, á affronta com affronta.

Era noite, uma noite de maio, toda flores e amores, toda estrellas e perfumes.

No velho salão já estava armado o voltarete, no qual sacrificavam os mesmos parceiros.

Alfredo entrou, quando Violante se recostava com a morbidez de uma mulher formosa, nessa idade de turbidas paixões, em que o coração juvenil e insciente trava luctas formidaveis.

Ha pessoas assim. Mostrae-lhe a felicidade, torneae-lha bem palpavel, bem facil, irremediavel até, como um decreto do destino, e vel-a-heis luctar, retrair-se, amaldiçoar a sorte, e lançar-se no caminho que as conduz ao pèlago, que as ha de tragar de envolta com todas as suas illusões.

Assim era Violante. Character elevado, quem o teria mais do que ella? Coração cheio de arrebatamentos, de impulsos apaixonados, não havia como o della. Cavalheirosa, leal, com a generosidade de uma alma bem formada, mil qualidades, que são o apanagio das creaturas superiores, nada lhe podia valer. Havia de cair pelo orgulho.

Amava Alfredo, com os impetos de um coração de dezoito annos, que ainda não estremecera, e esse amor, que podia ser a sua ventura e abrir-lhe um paraizo na terra, cheio de visões e encantos seraphicos, de extasis arrebatadores, de inefaveis delicias, affigurava-se-lhe incomportavel tormento, terrivel flagicio, fardo; que havia de esmagal-a. Esse amor, que lhe deu a sentida feição de mulher, amante e amada, que a transmudou de repente, e lhe abriu, de par a par, as portas de um mundo ignoto, ferio-lhe o orgulho, a demasiada elevação da sua alma, a natural fereza do seu character.

Ella, que tantas vezes sonhou realezas, via-se, qual flor mimosa, violeta gentil e perfumada, protegida pelas ramas do olmeiro.

E era uma violeta. O mesmo mimo, a mesma melancolia, aquelle arroxear de tristezas e meditações. Tinha igual elegancia, a mesma graça nativa. Porque lhe deu a natureza o orgulho da rosa? Ai! pobre violeta. Julgas que tens espinhos; á custa de longos esforços, fazes-te rosa; mas não te leve o vento da desventura as roxas pétalas, fã assetinadas e fragrantes.

Esta foi porventura a principal rasão da conducta de Violante. As rasões que ella apresentava á baroneza, eram secundarias.

Violante estava pois sentada em uma *causeuse*, cuja data moderna, cujo polido saltitante estava em flagrante contradicção com as velhas e respeitaveis cadeiras de espaldar.

Alfredo foi sentar-se junto della.

Fingia um porte socegado, comquanto a febre lhe andasse escaldando as intimas fibras.

— Ah! minha senhora. Peço-lhe mil perdões. Quero hoje incomodal-a pela ultima vez. Peço-lhe meia hora de attenção. Será muito?

— Meia horá para um parente e amigo de meu pae. Por favor, primo, queira dispôr de mim.

— Obrigado. Meia hora seria muito para o parente e amigo de seu pae; mas é pouco para Alfredo. Não quero pedir demasiado.

— Não percebo, primo. Não sei que distincções sejam essas.

— Nenhumas. São loucuras de quem anda a aprender o mundo. Ouça-me.

E Alfredo sentia tremer-lhe a voz. O seu rosto ia-se animando. Apertava-se-lhe a garganta, e os olhos começavam-lhe a chamear.

— Ouça-me. É mais uma loucura, isto que vou dizer-lhe. Mais uma entre tantas, pouco é. Sei que estou representando um papel ridiculo, mas que importa? Affronto o ridiculo. Affrontaria o oceano, se as ondas quizessem afogar-me as magoas.

— Oh! primo! Já me parece um galan de melodrama.

— Bem lhe dizia, que sei affrontar o ridiculo. Póde rir-se. Vae-lhe tão bem o riso! Até eu me rio de mim mesmo. Veja que loucura! Pois não julguei que a prima me amava!? Cheguei a julgar isto! E chame-me modesto se é capaz.

— E se eu o amasse?

— Cavára a propria ruina, respondeu Alfredo, fitando-a com os olhos lucidos, fixos, vitreos como os de serpente enregelada.

— Olhe, primo, eu sou bem moça e desconheço o mundo. Sentimentos romanescos mal se dão com a minha pobreza. Mas se eu me vendesse... não me venderia ao homem, que eu amasse.

— E se o homem que a amasse a quizesse comprar, seria um infame.

— Pois o primo lavrara a sua sentença.

— Eu? Ah! Violante! deixe-me chamal-a assim, não intente enganar-se. Esqueça-se de mim, muito embora! deixe-me com o desespero n'alma. Mas se algum dia pensar em mim... Oh! Mas isto é altamente ridiculo. Não estou despeitado. Soffri mais um desengano. A vida é um tecido de illusões. A medida que o tempo as vae levando, rompe-se o tecido, e, afinal, quando chega o inverno, restam só farrapos e andrajos, que mal podem resguardar o coração do gelo dos desenganos. Foi uma desillusão. Desgraçado do que nunca se desillude! Eu amei-a; amo-a ainda, para que negal-o? Mas nunca imaginei compral-a

— Oh! respondeu Violante.

— Não se engana, outra vez lh'o digo. A prima não se vendeu ao homem feliz que ha de possuil-a. Ame-o pois. Mas se o não amar...

— Se o não amar?...

— Olhe! Eu sou um louco em lhe estar a dizer estas cousas. Mas não foi tudo isto uma loucura? Imagine que a prima o não amava. Imagine que a prima tinha derrubado, pedra a pedra, impassivel e fatal, o edificio da minha felicidade, que eu ergui com tanto carinho e affan. Imagine que com o seu leque tinha apagado, por passatempo, o lampadario sagrado, que allumiava o altar sacrosanto do meu amor. Imagine que havia desfolhado, uma a uma, todas as flores d'alma e que as pisára, rindo. Então saldaria a conta das minhas dores. O tormento gerára o tormento, centuplicara-se o desespero, e o bafo queimador da minha vingança emmurchecera o jardim da sua vida. Crenças, religião, poesia, triumphos, adornos, tudo eu maculára. Havia de lhe fazer um deserto em volta, um deserto pavidó, sem um ecco para a sua dôr, sem um peito para os seus suspiros. As suas lagrimas cairiam na areia ardente, e quando quizesse repousar a cabeça dolorida encontraria o rochedo agudo do remorso. Eu seria a sombra implacavel e ensanguentada, cheia de ameaças e tormentos, que havia de perseguil-a. E por fim quando clamasse perdão, responder-lhe-hia com uma gargalhada. E gargalhada seria o ultimo som que ouvira. E gargalhada seria a ultima reza no seu leito de morte. E gargalhada até no inferno, aonde a seguiria sempre. Mas não. Tudo isto é engano. A prima ama-o, porque não é capaz de se vender. E eu encontrarei perpetuamente perante mim o tremendo vacuo aonde os meus lamentos se irão esvaecer. Viverei do passado, porque, como os velhos, perdi as illusões.

— Ouvi-o. Já passou a meia hora. É tempo de acabar. Mas, como remato ás suas ameaças, dir-

lhe-hei que as suas gargalhadas iriam quebrar-se ou nas paredes de um hospicio de loucos, ou nas grades de um convento. Mas o primo não está em si, prosegue com ironia. Essas gargalhadas infernaes, essas sombras ensanguentadas, esse leque a apagar o lampadario do seu coração, tudo isso, primo, excede Shakspeare, e é poesia desgrehada, como diz a baroneza. Eu sou uma ignorante, e penso que a poesia melodramatica não vem ao caso.

E Violante ergueu-se. Estava pallida de raiva. O seu porte era altivo, senhoril e ironico. Os seus olhos dominavam. Alfredo, porém, erguendo-se tambem, disse-lhe ainda baixo:

— Cuidado, prima. Se me amasse cavava a propria ruina.

.....
 Davam onze horas quando o velho morgado, seguindo o invariavel costume de muitos annos, se sentava á mesa da ceia, tendo á direita a gentil Violante, á esquerda Alfredo, e na frente o padre cura.

Correu alegre a ceia. Alfredo estava amavel, como nunca. Acudiam-lhe galas de linguagem, conceitos e sentenças, que muito divertiam os convivas.

Quando todos se levantaram, Alfredo abraçou o velho e pediu-lhe as suas ordens para Lisboa.

— Pois assim nos foge?

— Negocios caseiros me chamam.

— E agora que vem a baroneza! Que bellos dias não passaríamos. Fique, Alfredo, quem sabe se tornarei a vel-o.

— Inste com elle, meu pae. Oh! primo, não se vá! Vem tambem o visconde de Ramirão, seu amigo. Que famosas caçadas não fariam por esses montes tão relvosos e ricos de caça!

A ironia não podia ser mais certa e varar melhor o coração de lado a lado.

Alfredo recebeu o golpe e respondeu sereno:

— Não, prima. É impossivel. O visconde é um excellente conviva. É um mancebo como ha poucos. Nenhuma falta faço aqui, e grande é para os que lá me esperam. Por isso, ainda uma vez, adeus! Se fosse Byron diria este adeus inundando-o de jorros de poesia, e se as lagrimas não fossem tão caras, podia inundal-o de jorros de prantos. Como sou apenas Alfredo, limito-me a abraçar o meu velho parente, e a desejar mil venturas á prima.

— Lembre-se que sou velho, e pouco posso viver. Volte breve para eu o abraçar.

Violante interrompeu logo:

— Pois não se lembra, meu pae, que vamos passar o inverno a Lisboa? A baroneza assim o exige.

— E tu tambem, filha.

— Lá nos encontraremos, pois, respondeu Alfredo, olhando altaneiro para o rosto não menos altivo de Violante. Pena tenho de não poder abraçar o meu bom amigo visconde, optimo rapaz.

— Nós cá lhe diremos esse desejo, que elle ha de agradecer certamente, tornou Violante.

.....

SOBRE O NOME JEHOVAH

Teem os judeus varios vocabulos para exprimir na sua lingua a palavra *Deus*: no entanto não se servem delles indifferentemente, mas sim segundo a idéa, que lhe querem associar. Estes vocabulos são: *El*, *Eloa*, *Elium*, *Adonai*, *Jehovah*. Se querem apresentar Deus debaixo do ponto de vista de que hade julgar nossas acções, e depois retribuir conforme nossos merecimentos, usam da palavra *Elium*. Porém, se lhe querem associar a idéa de poder, grandeza, magestade, etc., escrevem quatro letras, que, realmente, são a abreviatura da palavra *Jehovah* (*existente*), mas nome que judeus não pronunciam, como signal de respeito, temor, e, até, por superstição, proferindo em lugar delle *Adonai*, que em rigor significa — meu senhor — e também *Adonai eloim* (Deus meu senhor.)

Escriptores judeus ha que attribuem a Jesus Christo o poder de fazer milagres, pelo motivo de ter descoberto o modo de pronunciar bem as taes quatro letras, letras mysteriosas e cabalisticas para os hebreus. (1)

A vista do exposto, confirmado pelos livros, que tratam do assumpto, será razoavel representar um judeu implorando a compaixão da divindade, e, ao mesmo tempo, ousando invocal-a debaixo dum titulo, cuja pronunciaçã seria considerada como um sacrilegio, e profanação a tão augusto nome, que attrairia sobre o profanador a colera celeste? (2)

M. D. BRANCO.

A PRINCESA E O GRÃO DE MILHO

(Traduzido de Andersen)

Aconteceu isto em tempos que já lá vão.

Nos estados não me lembra de que rei, quiz o principe herdeiro escolher noiva; mas casar não casava elle senão com mulher que fosse princesa de lei, sangue real sem mistura.

Com este intuito saio o bom do principe a correr mundo em busca de noiva que, satisfazendo a essa condição, lhe quadrasse deveras.

Correu, correu, e não eram de certo princessas que lhe faltavam; a questão é se daquellas que como taes se apparentavam poderia asseverar-se com certesa que eram sangue real sem mistura.

Havia sempre mais por aqui ou mais por ali um não-sei-que de suspeito. —

O resultado foi o principe regressar para a côrte de seu pae, triste, bem triste, sem haver conseguido realisar o que tanto em sonhos tinha phantasiado.

Passados tempos, porém, quem diria que a propria providencia se promptificava a deparar-lhe com o que debalde haviam buscado encontrar suas repetidas tentativas?

Era de noite: a familia real em volta da larei-

ta entregava-se áquelle prazer egoista que experimenta quem, resguardado das intemperies e aquecido por um bom fogo, sente rugir lá fóra a tormenta, a chuva a cair em torrentes, e ribombar o trovão.

Pois era por uma noite destas, sem tirar nem pôr: — de repente sente-se bater á porta do castello.

— Quem será por um tempo destes?

E o rei velho correu apressado a abrir a porta por suas proprias mãos.

Era uma princesa quem naquella situação, colhida de repente pela tempestade, vinha ali no castello do bom rei pedir agasalho.

Mas o estado em que a triste menina vinha causava deveras lastima: dir-se-hia, com muita razão, uma nayade que tivesse naquelle momento abandonado o seu liquido domicilio, tanto a escorrer trazia ella os cabellos e o vestido.

Mettia dô, e ninguem supposera encontrar ali uma princesa.

Pois como tal se inculcou, e de mais a mais princesa de lei, sangue real sem mistura como em devaneios appetecera o principe.

Mas naquelle estado uma princesa de lei, sangue real sem mistura!

— Veremos isso, pensou consigo a rainhá mãe.

E, sem palavra dizer, levantou-se, entrou no quarto em que a recémchegada devia dormir, introduzio mui sorrateiramente um grão de milho entre as taboas do leito e o ultimo enxergão, sobre este fez collocar mais dezenove, e por cima dos vinte enxergões outros tantos colchões de penas, fofos, tão fofos, que fazia gosto deitar-se a gente ali, e dormir o somno mais voluptuoso que imaginar-se pôde.

Depois da ceia foi a princesa deitar-se.

No dia seguinte, logo de manhãzinha, vieram perguntar-lhe como tinha passado a noite.

— Mal, muito mal, respondeu a princesa: apesar de fatigadissima, não pude pregar olho toda a noite; não sei o que tinha a cama, uma cousa dura que me magoou o corpo horrivelmente, a ponto de ficar com a pelle toda roxa.

Dito isto é que não havia que duvidar: a hospeda do rei era deveras uma princesa, mas uma princesa de lei, sangue real sem mistura, tal qual o principe a exigia.

Agora, sim!

Que mulher, a não ser uma princesa de lei, poderia ter a pelle tão delicada a ponto de sentir um grão de milho por baixo de vinte enxergões e de vinte colchões?

Por isso o principe apressou-se em receber por esposa aquella, que, perdidas finalmente já todas as esperanças, lhe vinha coroar com a realidade os phantasticos desejos que nutria de encontrar para noiva uma princesa que o fosse de lei, sangue real sem mistura.

Os grandes homens morrem sem posteridade.

O GRANDE FREDERICO.

(1) Estas letras correspondem approximadamente ás nossas J, E, O, E.

(2) Em certa occasião um impostor vangloriando-se de poder fazer milagres, dizia: E a causa é porque sei e posso proferir bem o nome mysterioso, escripto pelas quatro letras, o que vós nem sabeis nem podeis.